

*Primavera, Verão, Outono, Inverno... e Primavera* (2003) de Kim Ki-Duk (n. 1960)  
CINE CLUBE, 3 de Novembro 2015  
BIBLIOTECA, FCT/UNL

“Ciclo persistente e ascensão possível, ou ver para lá do insustentável pesadume do ser no filme  
*Primavera, Verão, Outono, Inverno... e Primavera* de Kim Ki-Duk”

Christopher Damien Aurretta

ONLINE ETYMOLOGY DICTIONARY:

<[http://www.etymonline.com/index.php?allowed\\_in\\_frame=0&search=samsara&searchmode=none](http://www.etymonline.com/index.php?allowed_in_frame=0&search=samsara&searchmode=none)>

samsara (n.) 

"endless cycle of death and rebirth, transmigration of souls," 1886, from Sanskrit *samsara* "a wandering through," from *sam-*, prefix denoting completeness (from the root of *same*), + *sr-* "to run, glide," from PIE root *\*ser-* (2) "to flow" (see *serum*)

#### The Three Marks of Existence

Buddhism has been described as a very pragmatic religion. It does not indulge in metaphysical speculation about first causes; there is no theology, no worship of a deity or deification of the Buddha. Buddhism takes a very straightforward look at our human condition; nothing is based on wishful thinking, at all. Everything that the Buddha taught was based on his own observation of the way things are. Everything that he taught can be verified by our own observation of the way things are.

If we look at our life, very simply, in a straightforward way, we see that it is marked with frustration and pain. This is because we attempt to secure our relationship with the "world out there", by solidifying our experiences in some concrete way. For example, we might have dinner with someone we admire very much, everything goes just right, and when we get home later we begin to fantasise about all the things we can do with our new-found friend, places we can go etc. We are going through the process of trying to cement our relationship. Perhaps, the next time we see our friend, she/he has a headache and is curt with us; we feel snubbed, hurt, all our plans go out the window. The problem is that the "world out there" is constantly changing, everything is impermanent and it is impossible to make a permanent relationship with anything, at all.

If we examine the notion of impermanence closely and honestly, we see that it is all-pervading, everything is marked by impermanence. We might posit an eternal consciousness principle, or higher self, but if we examine our consciousness closely we see that it is made up of temporary mental processes and events. We see that our "higher self" is speculative at best and imaginary to begin with. We have invented the idea to secure ourselves, to cement our relationship, once again. Because of this we feel uneasy and anxious, even at the best of times. It is only when we completely abandon clinging that we feel any relief from our queasiness.

These three things: pain, impermanence and egolessness are known as the three marks of existence.

Ver: <[http://www.buddhanet.net/e-learning/intro\\_bud.htm](http://www.buddhanet.net/e-learning/intro_bud.htm)>

Ver: <<http://www.buddhanet.net/>>

“When progress is elevated into a symbol or an idea [...], then it can take on two forms. The one is the idea of endless progress, without a limit, in which one moves further and further along, and things get better and better. The other is the Utopian form, which is historically much more important; namely, that at some point in time man’s essential nature will be fulfilled. What is possible for man will then exist. Now, what happens with these two? In the first type, progress runs ahead without aim, unless progress itself is taken to be the aim, but there is no goal at the end of the progression. Thus, it is simply a matter of going ahead, and of course, if my analysis before was right, this is possible to a certain extent in the technical and scientific realms. But it is not possible in the realms where vision and inspiration play a role. [...] Endless progress may be symbolized by running ahead indefinitely into an empty space. We will do that, but it is not the meaning of life; nor are better and better gadgets the meaning of life. What is the meaning of life then? Perhaps it is something else.” (Paul Tillich, “The Decline and Validity of the Idea of Progress”, in *The Future of Religions*, Nov Iorque: Harper & Row, 1966, pp. 76-77.)

"Olá, guardador de rebanhos,  
Aí à beira da estrada,  
Que te diz o vento que passa?"

"Que é vento, e que passa,  
E que já passou antes,  
E que passará depois.  
E a ti o que te diz?"

"Muita cousa mais do que isso.  
Fala-me de muitas outras cousas.  
De memórias e de saudades  
E de cousas que nunca foram."

"Nunca ouviste passar o vento.  
O vento só fala do vento.  
O que lhe ouviste foi mentira,  
E a mentira está em ti."

*Alberto Caeiro, in "O Guardador de Rebanhos - Poema X"*

Ver: <<http://www.citador.pt/poemas/a-mentira-esta-em-ti-alberto-caeiroheteronimo-de-fernando-pessoa>>

"This is the noble truth of the way that leads to the cessation of pain; it is the Noble Eightfold Path, namely; Right views, Right intention, Right speech, Right action, Right livelihood, Right effort, Right mindfulness, Right concentration.

This Noble Eightfold Path is to be practised.

(Samyutti 5,420)

*(The Sayings of the Buddha, ed. Geoffrey Parrinder, Londres. Duckworth, 1991, p. 19.)*

Eis um filme que nos transmite imagens do *insustentável pesadume do ser*, a força gravítica de um coração intranquilo e inconstante num universo placidamente eterno e inexoravelmente leve. Um ser, ou melhor, uma criatura incarnada, cujo peso, materialmente entendido, é essa mesma materialidade que tanto amarra como se deixa amarrar por cordas, ora visíveis, ora invisíveis, e cujo peso imaterial se traduz ao longo do filme na consciência desassossegada do jovem protagonista, uma consciência que transforma a quiescência eterna em múltiplos instantes de conflitualidade interna (que se exterioriza em actos de violência) e de sobressalto passional. Veja-se, por exemplo, a cena quase inicial do filme, ainda na primeira Primavera relatada pelo realizador/escritor Kim Ki-Duk, em que a criança, por sinal sadicamente ridendo, tortura vários animais, amarrando-os com pedra e corda para a seguir os atirar a um destino dolorosamente abreviado, uma dor que o espectador identifica e entende, se bem que localizada na relativa inconsciência de uma animalidade sem palavra. São animais sujeitados a um momento de deleite infantil (reflexo de um estado de inocência por sua vez inexoravelmente condicionada), uma cena que exemplifica aspectos da animalidade (humana) que, ao que parece, conhece o mundo através do sofrimento que nele provoca. (Mas, significativamente, não só.)

Mais tarde, essa pedra, anteriormente atada ao corpo do peixe, da rã e da serpente, tornar-se-á o peso pétreo do próprio corpo da criança agora adulto assassino (tendo morto a mulher num acesso de ciúmes após dez anos de vida conjugal.) Perante o suicídio ensaiado, testemunhado pelo velho "santo" do mosteiro do lago, este amarra o jovem atormentado, pendurando-o do tecto interior da modesta habitação onde ambos vivem. Vê-se nesta imagem deslumbrante como o antigo discípulo se transformou em prisioneiro da raiva, da desilusão e da violência e cujas grades se chamam ego. A antiga criança torcionária de animais pertence doravante à roda cósmica de dor que une toda a criatura viva. Será um caso de retribuição ou castigo divino? Talvez, sim; talvez, não. Talvez seja, acima de tudo, uma reminiscência (dolorosa) do ciclo que nos prende a todos, i.e., a rede invisível cujas cordas igualmente invisíveis nos amarram a um

destino feito de consciência e inconsciência, factos e ilusões, pedras e perdas. Como transformar, então, a dor em libertação?

Portanto, a crueldade infligida anteriormente aos animais vitimizados pelo sadismo inconsciente da criança *regressa*: será doravante o peso real de um corpo e a metafórica dor empedernida de um ser feito prisioneiro das suas ilusões, dos seus desejos e das suas obsessões. (Haverá quem lhe tenha amarrado uma pedra invisível ao corpo e lhe tenha condenado a uma vida amargurada até à morte ou ao suicídio?) Ou tratar-se-á, antes, do *pathos* central do filme, i.e., da condição humana de que o filme narra discretamente a tonalidade, o registo exacto do sofrimento passado pelo crivo dos instantes e das estações, dos corpos e dos próprios impulsos que fazem do corpo a nossa casa e, em simultâneo, o lugar do nosso exílio?

Contudo, se o corpo representa a nossa prisão, é outrossim a nossa escola, aqui e agora, i.e., em cada instante experimentado na travessia das estações. Como assim?

De acordo com o universo narrativo e visual do filme, *navegamos* por cima de lagos quase plácidos que, contudo, matam (veja-se a mãe de cabeça encoberta que, desolada, abandona o seu bebé – futuro discípulo do novo mestre que ocupa agora o lugar deixado pelo velho “santo” que protagonizara as estações Primavera, Verão e Outono do filme), uma mãe que cairá sozinha dentro da água gélida que logo se torna o seu túmulo silencioso). *Observamos* as estações na sua metamorfose ritmada que, placidamente, testemunham sem olhos o drama humano que se desenrola diante delas e do espectador e comunicam-nos sem boca o que é ser um ser humano, i.e., uma criatura que deve habitar o tempo sem (quase) nunca o poder dominar ou transcender. *Atravessamos* o limiar das portas para logo nos defrontarmos com uma realidade que desejamos conhecer e habitar sem nunca, porém, nos libertarmos do desejo que nos fustiga e dilacera, fazendo do mundo por nós habitado uma aventura e um abismo. Eis o drama de *samsara*, segundo a doutrina budista: o ciclo de nascimento, morte e renascimento que constitui a roda cósmica de dor a caracterizar toda a vida. Segundo o budismo, quem não pratica o caminho interior necessário, não atingirá nunca o estado de iluminação, Nirvana, libertação. Segundo Fernando Pessoa, eis o drama da doença do pensar – que caracteriza toda a criatura de natureza fundamentalmente contingente – e que faz de nós (na melhor das hipóteses) *habitantes da periferia apenas do absoluto, do real, da verdade* (i.e., criaturas presas na malha da Ilusão (*mara*, segundo o budismo) onde a consciência humana se perde na magnitude ignota do universo). Recorde-se que, no universo heteronímico do poeta português, especificamente, no *hospital do ser* que os heterónimos conjuntamente reflectem, articulam e refutam, Alberto Caeiro era considerado o “mestre” e o “libertador”.)

Eis, nos instantes quase derradeiros do filme, a ascensão do antigo discípulo do velho “santo”, monte acima, a carregar às costas uma estátua de Buda, arrastando atrás dele a base em pedra em cima da qual pretende colocar o “Iluminado”. Quantas subidas e descidas efectuadas pelo antigo discípulo não estarão arquivadas nessa ascensão árdua? Quantas lições não foram por ele, ora desprezadas e esquecidas, ora interiorizadas e incarnadas? *Será um exemplo de samsara reconhecido e superado?* Sim: vislumbra-se nesta cena a dissolução do ciclo eterno do desejo da posse e do subsequente sofrimento que tal desejo de posse provoca. Há igualmente a serenidade que dessa superação se deriva. Com efeito, o ser possui também várias estações: nasce, cresce, envelhece e morre, torna-se cinza, faz da metamorfose ritmada das estações *a cronologia oculta do seu ser liberto, o tempo sem ponteiros de um olhar por fim desanuviado, o calendário raro de uma mente afinada e um corpo apaziguado.*

O nosso caminho (o nosso *dharma*, segundo o budismo) será sempre caracterizado por esta realidade cíclica pontuada por instantes de ascensão, i.e., instâncias de compreensão momentaneamente sossegada, de *samsara* dissipado e de um minimalismo ontológico (de novo, a questão do *ser* do ser humano) que nos permitem às tantas aceitar, suspender e, porventura, superar a nossa própria humana contingência.

*Ver desde a cimeira de um monte significa ver melhor.* Ver melhor significa ver, por um lado, a insignificância que define a nossa condição passageira, mesmo a de um mosteiro flutuante num lago plácido no meio de uma Natureza dotada de uma discreta força cósmica cuja lei infinitamente equilibrada oscila entre a placidez e a inexorabilidade. Ver desde o cume de um monte é como ver do alto do infinito: ter por fim o olhar desenfeitado, habitar por fim um corpo ao ritmo plácido das estações, aceitar por fim o ser no instante de se volatilizar no ar, um corpo feito por fim cinza fugaz, fumo acre, ou ainda fogo amado que, num primeiro tempo, se atíça e depois se extingue. Eis, enfim, a natureza das estações que o título anuncia e o filme narra em sequência consecutiva sem glosa excessiva, sem comentário intruso, sem fanfarra sentimental.

Restar-nos-á para sempre, porventura, um estado de aporia, i.e., de impasse ao nível do pensamento e da emoção mas também a tomada de consciência da existência de uma pedagogia possível contida nas seguintes questões que cada um de nós renova e a que cada um de nós deve responder: quanto sofrimento é que introduzi no universo durante a minha breve travessia pelo tempo e pelo espaço? Quanta compreensão é que introduzi no arquipélago de momentos que constituíram esta brevidade – tão breve que as suas estações parecem antes a mera passagem por uma porta de uma casa exígua – que contudo se chama (minha) vida?

<p>PORTAIS EM TORNO DO FILME (2003):</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <a href="https://en.wikipedia.org/wiki/Spring,_Summer,_Fall,_Winter..._and_Spring">https://en.wikipedia.org/wiki/Spring,_Summer,_Fall,_Winter..._and_Spring</a></li> <li>• <a href="http://www.nytimes.com/2004/03/31/movies/film-festival-review-a-buddhist-observes-humanity-with-sharp-and-stern-eyes.html">http://www.nytimes.com/2004/03/31/movies/film-festival-review-a-buddhist-observes-humanity-with-sharp-and-stern-eyes.html</a></li> <li>• <a href="http://www.imdb.com/title/tt0374546/">http://www.imdb.com/title/tt0374546/</a></li> <li>• <a href="http://www.metacritic.com/movie/spring-summer-fall-winter-and-spring">http://www.metacritic.com/movie/spring-summer-fall-winter-and-spring</a></li> <li>• <a href="http://movie-censorship.com/report.php?ID=3632">http://movie-censorship.com/report.php?ID=3632</a></li> </ul>	<p>PORTAIS EM TORNO DO REALIZADOR (n. 1960)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <a href="http://www.imdb.com/name/nm1104118/">http://www.imdb.com/name/nm1104118/</a></li> <li>• <a href="https://en.wikipedia.org/wiki/Kim_Ki-duk">https://en.wikipedia.org/wiki/Kim_Ki-duk</a></li> <li>• <a href="http://filmow.com/kim-ki-duk-ii-a94058">http://filmow.com/kim-ki-duk-ii-a94058</a></li> <li>• <a href="http://asianwiki.com/Kim_Ki-Duk">http://asianwiki.com/Kim_Ki-Duk</a></li> <li>• <a href="http://www.pintobooks.com/workingbio+Kim%20Ki%20Duk.html">http://www.pintobooks.com/workingbio+Kim%20Ki%20Duk.html</a></li> <li>• <a href="http://www.koreasociety.org/portraits/the_strange_case_of_director_kim_ki-duk_the_past_the_persistent_problems_and_the_near_future.html">http://www.koreasociety.org/portraits/the_strange_case_of_director_kim_ki-duk_the_past_the_persistent_problems_and_the_near_future.html</a></li> </ul>
--	--